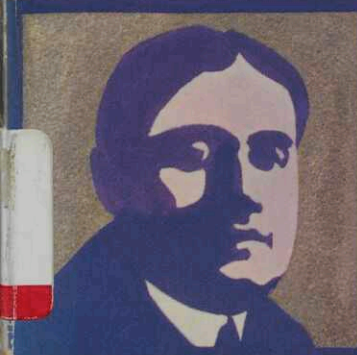
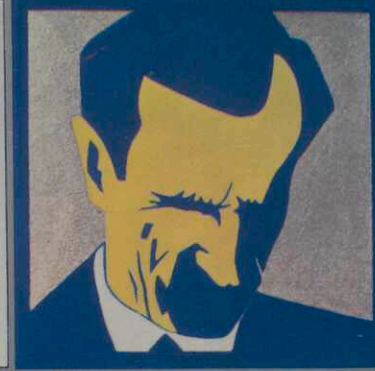
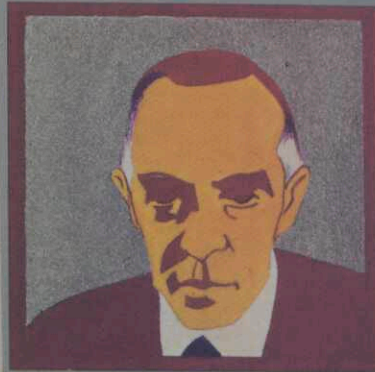
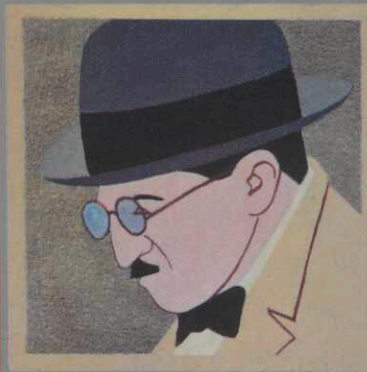


CLARA ROCHA
REVISTAS LITERÁRIAS
DO
SÉCULO XX EM PORTUGAL



/regresso à terra, desespero/alegria, peso do mundo real/paraíso. Mas os motivos da *terra* e da *raiz* são neles determinantes, como se pode ver:

«1. Quando te beijo, mulher,
ninguém foi esquecido.
Apenas fugimos com a juventude do mundo.
Pátria, honra de ter veias,
na boca.

2. Amar-te é possuir
ter na boca a terra
e nela ficar como se fosse vivo,
amar-te
é possuir o destino dos homens
e dar-lhes
a insuspeita bétula de mágoa.

(...)

8. Gota de flor ou gota de silêncio
eu te absorvo,
verde raiz de meus olhos
eu te absorvo, cego, comovido.
O mundo todo pesa, mas tu reabres,
de frescura, a vastidão das lágrimas
e humano,
desesperado, renasce o paraíso.»¹

IV.3.5. «Pirâmide»

Com estes «cadernos de publicação não periódica», de 1959, assistimos a uma «reincidência» dos surrealistas. A colaboração está a cargo de Mário Cesariny de Vasconcelos, que contribui com uma avaliação distanciada e crítica do Surrealismo («Mensagem e ilusão do acontecimento surrealista»²), Pedro Oom, Luís Pacheco, Herberto Helder e Edmundo Bettencourt. Há ainda textos de Antonin Artaud, Raul Real e Mário de Sá-Carneiro.

¹ *Anteu.*, n.º 2, p. 17.

² *Pirâmide*, n.º 1, pp. 1-2.

No n.º 3 publica Carlos Loures o artigo «Aos ladrões de fogo», em que defende uma arte surreal e se insurge contra a mentalidade «exportada» pelos EUA e, genericamente, contra todas as formas de *controle*:

«Esmagada pela ditadura social e política dessa imensa mercearia que é a América do Norte, a Europa observa agora sem protesto os micro-organismos da infecção psíquica dos «yankees». (...) Uma mentalidade *fanaticamente utilitária* é, como os automóveis, standardizada e expandida através de «slogans», e bem elaboradas campanhas publicitárias.

(...) Cremos ser a Revolução Surrealista um ímpar brado de alerta, chamando-nos a lutar pela salvação do pouco que ainda há para salvar (...).

O *controle* que se pretende *exercer por toda a parte*, sobre as coisas e as pessoas, encontra na debilidade colectiva excelente meio de propagação.

As raízes esotéricas do Surrealismo criam um forte espírito de oposição à razão e ao senso comuns. É além disso, justamente esta *furiosa mania de controle* que ela pretende meter a ridículo»¹.

E acrescenta o articulista:

«Aos Poetas, detentores da mágica chave do Futuro, ladrões do sagrado fogo da Verdade, pede-se a implantação duma urgente antropatria que possibilite um respeito absoluto pela integridade e pela dignidade do homem, e a satisfação das suas imanentes solicitações: o Amor, o Desejo, a Liberdade.

Esta é a maravilhosa aventura»².

Eis-nos, uma vez mais, perante uma profissão de fé «humanista»: trata-se de anunciar o advento do *homem total* («pela integridade e pela dignidade do homem»), não alienado nem controlado, de lhe restituir «os seus direitos à felicidade» (para retomarmos uma expressão de Alquié já atrás citada). Essa aventura de reivindicação é designada, à boa maneira surrealista, pela imagem

¹ *Pirâmide*, n.º 3, p. 52.

² *Ibid.*

prometeica, como sugere o título do escrito («Aos ladrões de fogo»). De facto, como é sabido, o mito de Prometeu é um dos mais gratos ao movimento surrealista. Sublinha Robert Bréchon:

«L'attitude surréaliste est prométhéenne. «Il ne s'agit que de rendre à l'homme toute la puissance qu'il a été capable de mettre sur le nom de Dieu»; ou encore, de «prendre le contre-pied de la création». «Changer la vie», disait Rimbaud. La donnée fondamentale du surréalisme, c'est donc l'idée que la vie est plus riche, plus belle et plus vaste que ne la vivent la plupart des hommes (...). Apollinaire parlait de «quêter partout l'aventure»¹.

A mesma representação metafórica do fogo sagrado da liberdade e da criatividade aparecera já no poema «Ar livre», datado de 1934 e publicado por Edmundo Bettencourt (na sua fase «tangencial» ao Surrealismo) na revista *Búzio* (1956), que vale a pena transcrever para que se possa estabelecer o confronto intertextual:

AR LIVRE

«Enquanto os elefantes pela floresta galopavam
No fumo do seu peso,
Perto, lá andava ela nua a cavalgar o antílope,
Com uma asa direita outra caída.
E a amazona seguia...
E deixava a boca no sumo das laranjas;
Os olhos verdes no mar;
O corpo em a nuvem das alturas,
A guardadora
Da sempre nova fáiisca incendiária!»².

No próximo capítulo, iremos encontrar várias publicações, saídas nas décadas de 60 e 70 e no início dos anos 80, que dão seguimento às tendências de apelo ao homem total, liberto do controle, da alienação e da standardização. São elas, fundamentalmente, as revistas da contracultura e da anarquia.

¹ Robert Bréchon, *op. cit.*, p. 23.

² *Búzio*, n.º 1, p. 3.

Mas, para já, temos no nosso caminho uma outra série delas que, quanto mais não seja pelo seu número, não é pouco significativa no âmbito do período histórico-literário que nos tem vindo a ocupar, e que pelo contrário veicula a «ideologia dominante», dando expressão a um sistema de valores reaccionário ou, pelo menos, conforme com o regime. São elas *Panorama* (1941), *Atlântico* (1942), *Aqui e Além* (1945), *Cidade Nova* (1949), *Esmeraldo* (1954), *Cidadela* (1959) e *Tempo Presente* (1959).

IV.4. *A ideologia reaccionária*

IV.4.1. «Panorama»

Dirigida por Ramiro Valadão, *Panorama* é uma «revista de arte e turismo» editada pelo Secretariado de Propaganda Nacional. Defende valores patrióticos e nacionalistas: «(...) O turismo (...) [é] a arte de animar em nós próprios o orgulho de sermos nacionais»¹. Profusamente ilustrada com desenhos de Ofélia Marques, Sarah Afonso, Bernardo Marques, Almada e Maria Keil do Amaral, inclui alguma colaboração literária que tem especial interesse para um estudo de *geografia literária* de Portugal: Cabral do Nascimento escreve sobre a Madeira, António Pedro sobre o Minho, Manuel da Fonseca contribui com um capítulo de romance sobre o Alentejo, etc.

IV.4.2. «Atlântico»

Trata-se duma «revista luso-brasileira», editada conjuntamente pelo Secretariado de Propaganda Nacional (Lisboa) e pelo Departamento de Imprensa e Propaganda

¹ *Panorama*, n.º 1, p. 1.